

A R T I G O S

# Textos da religião de Aton

---

Esplêndido te ergues,  
ó Aton Vivo,  
senhor da eternidade!  
Tu és radioso,  
tu és belo, poderoso.  
Grande e profundo  
é o teu amor.  
Os teus raios iluminam  
todos os rostos,  
A tua tez brilhante dá vida  
aos corações  
Quando enches as Duas  
Terras com o teu amor  
Deus Augusto que a ti  
mesmo te criaste,  
Que criaste a terra inteira  
e tudo o que nela existe.

**Paulo Carreira**  
Mestrando em História  
e Cultura Pré-Clássica  
na Faculdade de Letras  
da Universidade de Lisboa

---



---

## 1. Introdução

---

Tal como o seu título indica, o presente trabalho lida com textos que se referem a um deus, Aton de seu nome. Logo numa primeira leitura se vê que são fundamentalmente de três tipos distintos: hinos ao deus, petições ao rei, visto como ponte essencial e única para esse mesmo deus, e discursos do próprio rei. Apareceram inicialmente gravados em estelas e túmulos e estão hoje transcritos e traduzidos por vários autores. Trabalhámos a partir de versões em inglês dos mesmos textos, deles fazendo uma análise estatística, de modo a encontrar as linhas mestras que os enformam de acordo com uma grelha de leitura previamente fixada<sup>1</sup>.

---

## 2. De que fala um egípcio, quando fala de «deus»?

---

Ao longo do reinado do filho de Amen-hotep III, Aton foi inicialmente *um deus* e posteriormente *o deus*. Ambos os conceitos são traduzidos em egípcio pelo termo *netjer (ntr)*, Θεός nos decretos bilingues do Período Ptolemaico. A partir do Império Antigo, era representado sob forma de «um mastro embrulhado numa faixa

<sup>1</sup>Apresentam-se, em Anexo, traduções dos textos ingleses que o desenvolvimento do trabalho tornou necessário fazer.

de pano, ligado por um cordão, com uma extremidade projectando-se para fora como uma aba ou uma flâmula<sup>2</sup>». Durante a dominação greco-macedónica, os mastros tinham três flâmulas: branca, verde e vermelha mas no Império Novo teriam apenas duas: uma branca e uma vermelha. Talvez representassem os mastros fronteiros aos templos e daí que o signo indicasse o lugar de residência do deus e não o próprio deus. Há também outro signo que representa um deus acorçado, usando barba entrançada. Existe desde o Império Antigo mas só no fim deste período veio a ser usado como determinativo dos nomes dos deuses. A estrela, uma outra representação divina, é contemporânea dos Ptolemeus.

Estes hieróglifos não nos dão qualquer luz sobre a concepção egípcia de Deus. As tentativas de derivação e comparação do significado de *netjer* são múltiplas e, segundo Hornung, inconclusivas<sup>3</sup>. O *Dicionário do Antigo Egipto* (DAE)<sup>4</sup> traduz o termo por «lugar sagrado, presença do sagrado». A forma plural *netjeru*, encontra-se ao longo de toda a história do Egipto à excepção do período atonista, durante o qual foi apagada em numerosas inscrições. O singular aparece nos nomes de Hórus de um faraó da II Dinastia, *Nynetjer* (pertencente a Deus) e de um da terceira, *Netjerikhet* (o mais divino da corporação [dos deuses])<sup>5</sup>, ocorre também em textos sapienciais. Hornung<sup>6</sup>, contudo, não vê neste facto qualquer evidência de monoteísmo, uma vez que os outros deuses não são excluídos do contexto. Não podemos, falar de um Deus Único; nas palavras de Kees<sup>7</sup> «quando um egípcio escreve *deus*, refere-se a *qualquer deus*».

Os deuses proporcionaram ao Egipto uma representação de poderes da natureza, mitos de criação e mesmo a companhia amigável de antepassados divinizados. Por vezes antropomórficos, por vezes animais, mergulhando no tempo dos totens, deles se contavam narrativas de morte e de vida. Simples poderes locais, acompanharam as vicissitudes dos seus adoradores, tornaram-se nacionais ou perderam prestígio. Casaram, tiveram filhos, tornaram-se gestores e padroeiros e alguns desceram ao mundo da morte. O rei foi seu cultuador legítimo, a ponte entre eles e o povo, embora se tenha visto na necessidade de delegar esse poder numa classe sacerdotal, só o exercendo em ocasiões muito especiais. Coube ao clero elaborar sistemas cosmológicos e teológicos, mitos explicativos de como as coisas eram e porque eram assim, hierarquizar os deuses e, não menos importante, ligá-los ao faraó de modo a legitimar o seu poder. Porque o faraó governa pela *ma'at*, um conceito deificado<sup>8</sup> que abrange grande número de significados todos ligados à ideia de equilíbrio, aquilo que mantém a ordem do Cosmos, da natureza, do mundo dos homens e dos deuses, do Egipto, a unidade de pesagem para o coração do defunto, palavra tão importante que fazia muitas vezes parte do nome real (*Nebma'atré* – Ré é o senhor da Ma'at).

## 2.1 A religião no Império Novo

A vitória sobre os Hicsos fez do Egipto um país livre e coeso que geria um império de influência ao longo do território siro-palestiniano. Este triunfo dos príncipes de

<sup>2</sup>P. E. NEWBERRY, *apud* E. Hornung, op. cit. p.35.

<sup>3</sup>E. HORNUNG, op.cit., p. 43.

<sup>4</sup>J. NUNES CARREIRA, "Deus", in L. M. de Araújo (dir), *Dicionário do Egipto Antigo* Lisboa, Caminho, 2001, p.272.

<sup>5</sup>E. HORNUNG, op. cit., pp.45-46.

<sup>6</sup>*Ibid.*, pp.54.

<sup>7</sup>H. KÉES, *Götterglaube*, p. 273 *apud* Hornung, op. cit. p.59.

<sup>8</sup>J. das CANDEIAS SALES, *As divindades egípcias*, Lisboa, Estampa, 1999, pp. 405-415.

Tebas foi acompanhado pelo de Amon, seu deus, que assumiu rapidamente um papel nacional, adicionando as competências de deuses mais antigos:

*Pai dos deuses,  
que fez os homens, que criou o rebanho,  
Senhor de tudo o que existe, que criou as árvores de fruto,  
que fez a forragem para nutrir o gado.*

Grande Hino do Cairo I, 6<sup>o</sup>

O clero de Amon acabou por se tornar um potentado económico. Segundo o Papiro Harris<sup>9</sup>, recebia 62% dos impostos em cereais, 86% dos tributos em prata e o monopólio do ouro das minas da Núbia. Extensos domínios fundiários, matérias primas de todas as espécies e uma numerosa equipa de escribas, operários e camponeses completavam o seu património. Sobre tudo isto reinava o *Primeiro Profeta de Amon*, segunda personagem do Estado e nomeado pelo faraó.

No tempo de Amen-hotep III, era grande o seu poder, não consta porém que o rei e o sumo-sacerdote Ptahmose tenham entrado em conflito. Numerosos são os testemunhos da piedade real: o templo de Amon, «senhor dos caminhos», em Wadi es Sebua (Núbia) e o templo de Soleb, onde o rei aparece triunfante ao lado de Tié, sua esposa, e rodeado das filhas, o templo funerário, de que apenas restam os chamados «Colossos de Memnon» e o «Harém de Amon-Ré» em Luxor, contam-se entre os muitos monumentos do seu reinado. Todavia, apesar destas formas de adoração a Amon, encontramos neste reinado algumas referências a Aton, o Disco Solar. O palácio real de Tebas era designado por «Raios de Aton» e a rainha Tié possuía uma barca com o nome de «Esplendor de Aton». Poderá tratar-se de uma autonomização face ao poder de Amon? Não parece existirem provas textuais deste facto, a menos que a frase ambígua de Akhenaton sobre as «más palavras» que seu pai e seu avô teriam sido obrigados a ouvir e que ele também ouvira<sup>11</sup>, esconda uma acusação velada. O reforço do poder simbólico de Amen-hotep III foi no entanto bem real, sabe-se que foi deificado na Núbia, onde mandou erigir um templo para si mesmo<sup>12</sup>. Cenas que representam o seu primeiro jubileu mostram-no assumindo o papel de Ré na sua barca<sup>13</sup>, bem dentro da teologia solar que então se delineava<sup>14</sup> e transparece nos *Hinos da Estela de Suti e Hor* que saudam o «Aton do dia», auto-criado, criador de tudo e que tudo faz viver<sup>15</sup>. A religiosidade não se esgotava contudo em estelas e templos, há provas de um incremento da piedade individual, o deus podia tornar-se um deus próximo. Encontramos os ecos deste pensamento nos *Contos* e nas *Instruções*. A *Instrução de Ani*<sup>16</sup> fala

<sup>9</sup>J. NUNES CARREIRA, *Estudos de Cultura Pré-Clássica*, Lisboa, Presença, 1985, p. 29.

<sup>10</sup>J. das CANDEIAS SALES, *As divindades egípcias*, p. 223.

<sup>11</sup>D.B REDFORD, *Akhenaten, the heretic king*, Princeton University Press, 1987, p. 139. O'Connor, *Ancient Egypt. A Social History* (1983), considera no entanto que há sinais claros de uma crise entre Amen-hotep III e o clero de Amon. Cf. L. M. ARAÚJO, *O Clero do deus Amon no Antigo Egipto*, Lisboa, Cosmos, 1999, p. 58.

<sup>12</sup>I. SHAW (ed.), *The Oxford History of Ancient Egypt*, Oxford University Press, 2003, p. 254.

<sup>13</sup>*Idem*, p. 254.

<sup>14</sup>J. ASSMANN, *Egyptian Solar Religion in the New Kingdom. Re, Amun and the crisis of Polytheism*, London, Kegan Paul Intern., 1995, p.67.

<sup>15</sup>M. LICHTHEIM *Ancient Egyptian Literature*, vol. II, Los Angeles/ Berkeley/ Oxford, University of California Press, 1976, pp. 86-88.

<sup>16</sup>*Ibid.*, pp. 136-145.

de um deus pessoal, escolhido no seio do imenso panteão egípcio (o teu deus) e exorta ao respeito do templo, à misericórdia e à oração, numa linguagem que nos lembra Mt 6,6. Diz assim:

*Ora-(lhe) secretamente, o coração pleno de amor  
E com todas as palavras escondidas  
Ele há-de prover às tuas necessidades  
Ele há-de ouvir as tuas palavras  
Ele aceitará as tuas ofertas.*

---

### 3. Akhenaton

---

Tendo morrido o primogénito de Amen-hotep III, coube ao filho segundo a tarefa de ser rei. Terá recebido a cuidada educação literária e religiosa de um herdeiro do trono? Há quem o faça, sem justificação, discípulo de Amen-hotep, filho de Apu,<sup>17</sup> e dos sacerdotes de Ré. Redford<sup>18</sup> considera não haver provas de que ele tenha sido educado em Heliópolis, salientando o facto de a imagem do futuro Akhenaton estar ausente dos monumentos do pai, facto que atribui à tão falada e não provada apararência grotesca do príncipe. A única referência que chegou até nós é o selo de um jarro de vinho proveniente de Malkata, com o seu nome. Diz pertencer ao *verdadeiro* filho de Amen-hotep<sup>19</sup>. Nada consta igualmente a respeito da sua formação militar e a eventual co-regência com o pai é controversa. A cerimónia da sua coroação teve lugar em Hermontis e o novo faraó escolheu o estranho título de «Primeiro Profeta de Ré-Horákhti que se alegra no horizonte em seu nome de Chu que é Aton». Ré-Horákhti, remete para o Ré de cabeça de falcão que voa alto no céu. Chu, «o que se eleva», é o deus da luz e do «ar superior» e substituiu Ré na chefia quando este abandonou a terra. Aton aparece, pela primeira vez como envolvente todas estas referências. De imediato, o rei mandou erguer em Karnak um templo para o seu deus, tal como está escrito na pedreira de Silsileh<sup>20</sup>.

Aos doze anos ou talvez um pouco mais tarde, o príncipe Amen-hotep, casou com Nefertiti (*A Bela chegou*), fruto da união de Amen-hotep III com alguma dama do harém real, talvez uma princesa de Mitani ou uma filha do general Ai, grande dignitário da corte<sup>21</sup>. As cenas que chegaram até nós mostram grande ternura conjugal. Marido e mulher fazem oferendas juntos ou brincam com as filhas. No quinto ano de reinado, Amen-hotep IV mudou o seu nome para Akhenaton (*Aquele que é agradável a Aton*) e proclamou-o deus único<sup>22</sup>. Ordenou a construção de nova cidade, entre Tebas e Mênfis, num lugar deserto, hoje conhecido por Amarna. No oitavo ano do reinado, Akhenaton inaugurou-a solenemente. Transferiu para lá a corte, embora a rainha-mãe, Tié, permanecesse na antiga capital. A *Grande Esposa Real* chamava-se agora Nefer-neferu-aton Nefertiti e seria mãe de seis filhas: Meritaton, Ankhesenpaaton, Meketaton,

<sup>17</sup>F. FÉVRE, *Akhenaton et Néfertiti, l'amour et la lumière*, Canale, Hazan, 1998, p 14.

<sup>18</sup>D. B. REDFORD, Donald B., *Akhenaten*, p.59.

<sup>19</sup>*Ibid.*, pp. 54, 57-59.

<sup>20</sup>D. B. REDFORD, *Akhenaten*, p. 60.

<sup>21</sup>C. JAQ, *Nefertiti e Akhenaton*, Lisboa, Bertrand, 2000, p.67.

<sup>22</sup>J. das CANDEIAS SALES, *As divindades egípcias*, p. 75.

Neferneferuré e Setpenré, (um vínculo especial a Ré?). Uma dama do harém real, Kia de seu nome, parece ter sido mãe de Tutankhaton, único descendente masculino conhecido de Akhenaton.

Enquanto o faraó se dedica aos assuntos religiosos, a situação interna e externa do Egito começa a degradar-se. A morte da rainha-mãe deixa-o sem aliados seguros. Vive rodeado de um exército de mercenários que o escolta e o protege mas também o isola do seu povo. Os sacerdotes de outros cultos estão descontentes com a desmesurada importância que assumiu o culto de Aton; acabaram-se as generosas ofertas dos faraós precedentes. O túmulo de Paranefer contém um texto que dá conta disso mesmo<sup>23</sup>:

...pois os impostos em cereal para todos os outros deuses medem-se em oipe<sup>24</sup> Mas para o Disco, eles são medidos em superabundância.

O Egito tem que fazer face, após muitos anos de segurança, a uma grave ameaça externa. Os arquivos de Amarna mostram que a teia de alianças praticada na Síria, na Palestina e no Mitani, estava a esboroar-se. Assírios e principalmente Hititas destruíam cidades e desfaziam os anteriores pactos celebrados com o Egito. Aziru, rei de Amurru, cercava Biblos e o hitita Supiluliuma avançava na Síria do Norte. A capital do Mitani acabou por ser destruída, Kadesh foi conquistada. Akhenaton nada fez ou não fez o suficiente para proteger os antigos aliados, em vão Tushratta implora os bons ofícios da rainha-mãe. Será isto a prova de algum agravamento da situação interna do Egito a que as fontes que sobreviveram até hoje não fazem referência ou tratar-se-á de mero desinteresse por parte do rei? Contrariando a ideia de um pacifismo indolente, sabe-se que Akhenaton enviou tropas no ano 12 do seu reinado para esmagar uma revolta da Núbia<sup>25</sup>. No que diz respeito à sua «revolução religiosa», o rei não conseguiu destruir o apego do povo aos deuses tradicionais, embora tomasse algumas medidas nesse sentido. Pessoas cujos nomes contivessem referências a Amon, foram obrigadas a mudá-los, a exemplo do próprio rei. A forma plural *netjeru* (deuses) foi apagada ou convertida no singular, a palavra *ma'at* passou a ser escrita em unilíteras<sup>26</sup>. Isto não impediu o Atonismo de ser apenas uma religião de elites, de elites débeis, seguras pelo favor real. A rainha Nefertiti perdeu o seu papel político<sup>27</sup> no ano 14, talvez tenha morrido e haja sido substituída por uma das filhas. Aos vinte e nove anos, Akhenaton morreu também. Smenkhare, que lhe sucedeu, governou durante dois anos e Tut-ank-Amon abandonou a cidade de Aton e regressou ao antigo culto. O Atonismo manteve-se ainda por alguns anos e só muito posteriormente, os Raméssidas mandaram destruir Akhetaton. As provas físicas da existência desta religião e do seu fundador acabaram por ser encontradas na escavação de outros templos<sup>28</sup>.

<sup>23</sup> D. B. REDFORD, *Akhenathen*, p. 60.

<sup>24</sup> O *Oipe* é uma medida de capacidade, correspondente a 18,16 litros. O texto é importante porque mostra que, à data da sua redacção, os templos dos antigos deuses continuavam abertos e recebiam dádivas embora menos valiosas que as dos templos de Aton.

<sup>25</sup> D. B. REDFORD, *Akhenathen*, p. 270.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 176. O mesmo aconteceu à palavra *mut* – mãe, para evitar a referência à deusa homónima.

<sup>27</sup> Pode não ter sido assim, há quem veja Nefertiti como sucessora do marido. Sobre a sucessão de Akhenaton, cf. M. GABOLDE, *D'Akhenaton à Toutânkhamon*, Université Limière-Lyon 2, Institut d'Archéologie et d'Histoire de l'Antiquité, Paris, Diffusion de Brocard, 1998.

<sup>28</sup> D. B. REDFORD, *Akhenathen*, pp. 66-67.

Horemheb empregou milhares de *talatat* no enchimento do 9.º Pilone que mandou construir em Karnak e que data de 1340-1330 a. C. Neste mesmo conjunto arquitectónico, Henri Chénier recuperou 120 000 blocos do 2.º Pilone de Ramsés e da zona coberta pelo revestimento do chão da sala hipóstila. Tudo isto tem permitido juntar uma extenso *puzzle* que laboriosamente os arquólogos têm vindo a interpretar até aos dias de hoje.

## 4. Textos da religião de Aton

### 4.1 Estrutura dos textos

Para além das suas deterioradas expressões monumentais, a principal fonte para o conhecimento do Atonismo consiste num conjunto de textos gravados em estelas e túmulos de dignitários reais. No presente trabalho, referir-nos-emos a esses mesmos textos, cuja tradução apresentamos em Anexo e que foram ordenados do seguinte modo:

*Textos principais* Objecto principal do estudo. Nesta categoria se englobam os chamados *Hinos de Aton*, o Grande (GH) e o Pequeno Hino (PH) e os Textos do túmulo de Ai (1,2,3Ai).

*Textos secundários* Textos de apoio e esclarecimento que aqui designamos pelo nome genérico de *Discursos de Akhenaton*.

Para a interpretação dos textos principais, recorreu-se a uma grelha de leitura baseada em nove pontos, a saber:

- 1 - Qualificativos de Aton
- 2 - Definição teológica de Aton
- 3 - Qualificativos do Rei
- 4 - Definição teológica do Rei
- 5 - Paralelismo entre Aton e o Rei
- 6 - Relação Aton-Rei
- 7 - Relação Rei-Aton
- 8 - Rituais de Aton
- 9 - A Rainha

Com base nesta metodologia, procedeu-se ao cálculo da distribuição de cada um dos pontos considerados, medida pela sua frequência (f), expressa em percentagem.

QUADRO I  
Análise de conteúdos dos Textos Principais

Ref	1	2	3	4	5	6	7	8	9
GH	9.03	63.16	0.81	22.08	0	4.10	0	0	0.82
PH	18.51	37.01	5.05	16.50	0	7.80	10.09	5.05	0
1Ai	10	15	25	25	0	10	10	0	5
2Ai	13.04	0	8.70	21.74	34.78	13.04	4.35	4.35	0
3Ai	2.18	0	15.23	13.05	39.12	4.34	4.34	6.23	15.23
Média	10.55	23.03	10.95	19.67	14.78	7.86	5.76	3.13	4.21

São evidentes os seguintes aspectos:

- Há dois actores principais, o Rei e o deus Aton. A caracterização de ambos é feita mediante qualificativos e definições teológicas (pontos 1...5). A relação mútua é menos acentuada.
- Os pontos 1...5 são predominantes (78.98%). O conjunto de referências ao Rei (30,62%) é próximo do relativo a Aton (33,58).
- A Rainha é, em média, cerca de sete vezes menos referida que o seu esposo.
- O aspecto cerimonial do culto é pouco citado.
- Os Hinos (GH, PH) são as grandes fontes sobre Aton. A informação sobre o Rei reparte-se homoganeamente por todos os textos.
- No espaço de amostragem definido pelo conjunto dos Textos Principais, o ponto 2 (definição teológica de Aton) é em média o mais referido, seguem-se os pontos 4, 5, 3, 1, 6, 7, 9 e 8.

#### 4.2 O deus Aton

Imediatamente depois da coroação, Amen-hotep IV dirigiu-se, como vimos, aos cortesãos, anunciando a sua intenção de honrar e cultuar uma única divindade. A reconstrução fragmentária deste discurso<sup>29</sup> foi possível a partir dos blocos de enchimento<sup>30</sup> do décimo pilone de Horemheb. Tanto quanto nos é dado compreender, o rei diz que os antigos deuses, feitos que fossem de ouro e pedras preciosas, tinham deixado de ser actuantes no mundo<sup>31</sup>.

Revela a existência de um deus oculto, que se fez a si mesmo e a tudo o que existe, que tem uma relação privilegiada com o soberano. Entre os anos 1 e 9 do reinado, esse deus é definido por uma primeira fórmula<sup>32</sup>:

*Ré-Horákhti que se alegra no horizonte [céu] em seu nome [na sua qualidade] de Chu [a luz] que está no Aton [o Disco Solar].*

É pois no Sol que o deus vive mas transcende o Disco Solar, *Aton*. De acordo com Grandet<sup>33</sup> este nome soaria como *Yatin* na época de Amarna e talvez fosse uma abreviatura de *Pa iten ânkh* – o Aton Vivo. Depois do ano 9, apareceu uma segunda fórmula:

*Ré, o soberano do horizonte, que se alegra no horizonte no seu nome de resplendor [Chut] que vem do Aton.*

A cada uma destas fórmulas corresponde diferente representação plástica. A primeira representa um homem vestido de saiote e ostentando um ceptro. Tem cabeça de falcão, sobrepujada por um disco solar<sup>34</sup>. Está virado para o rei e o seu corpo é muito

<sup>29</sup> D. B. REDFORD, *Akhenaten*, p.172. Ver tradução em anexo ao presente trabalho.

<sup>30</sup> Comumente designados por *talatat*. Trata-se de paralelepípedos de pedra com as dimensões aproximadas de 52x26x24 cm.

<sup>31</sup> Uma afirmação curiosamente parecida com a condenação dos ídolos em Is 44, 14-18.

<sup>32</sup> Conhecida por «Fórmula Didáctica». Cf. P.GRANDET, *Hymnes de la Religion d'Aton*, Paris, Ed. du Seuil, 1994, p.14.

<sup>33</sup> *Idem*, pp. 15-16.

<sup>34</sup> D. B. REDFORD, *Akhenaten*, p. 173.

semelhante ao deste, apresentando ambos um ventre proeminente. Entre os dois, uma mesa de oferendas contendo água, vinho, carne, vegetais, pão e flores. À segunda formulação do deus não corresponde já qualquer figura humana ou antropomorfizada, apenas o disco ou o globo de onde partem raios terminados por mãos que tocam as narinas dos ofertantes, rei e/ou rainha, e a mesa de oferendas.

#### 4.2.1 Qualificativos de Aton

O Quadro II mostra que Aton recebe vários qualificativos, os quais se encontram predominantemente (78,57%) nos Hinos; não são originais, já haviam sido dedicadas a Amon<sup>35</sup>. As várias escolas teológicas ensinavam que, em oposição aos seres humanos, os deuses eram paradigmas de beleza, força e majestade. O seu corpo era de ouro, os ossos de prata, os cabelos de lápis-lazuli. Aton tivera, como vimos, um corpo.

É um deus vivo, nomeadamente porque existe, vemos no céu a sua morada<sup>36</sup>. É um deus porque «funciona» enquanto, 1º Discurso, os outros deuses deixaram de o fazer, estão mortos e por isso os seus nomes podem ser apagados, funciona porque se move, nasce e põe-se à vista de todos e o seu percurso é gerador de vida.

QUADRO II  
Qualificativos de Aton

Qualificativos	Número de ocorrências					Total
	GH	PH	1Ai	2Ai	3Ai	
Vivo	2	3	1	1	1	8
Belo	2	2	1	1	0	6
Radioso	3	1	0	0	0	4
Poderoso	0	3	0	0	0	3
Alegre/provo- ca a alegria	1	1	0	1	0	3
Esplêndido	1	1	0	0	0	2
Grande	2	0	0	0	0	2

#### 4.2.2 Definição teológica de Aton

Para além do seu aspecto simbólico, o deus é caracterizado por uma série de definições teológicas que nos dizem aquilo que representa enquanto tal (Quadro III). Aton é um/o Criador, de si mesmo e do mundo, tal como se dissera de Amon. Este fizera outros deuses, Aton não. Limitara-se a formar o mundo físico e a dar-lhe meios de subsistência. É um alimentador, Pai e Mãe de plantas, animais e homens, gestor da sua vida e dos seus percursos. Deus único como Amon mas não «único entre os outros», único porque só Ele é, tal como Yahweh, o *Pai* de Jesus ou Allah, e porque é só Ele.

Tal como Ré, a sua viagem no céu é um caminho solitário e não envolve a presença de outros deuses nem o combate com as forças das trevas, personificadas na serpente

<sup>35</sup> «Hino a Amon, na Introdução do decreto de Nesikhonsu». Cf. L. M. ARAÚJO, *O Clero de Amon no Egito Antigo*, Lisboa, Cosmos, 1999, p.296.

<sup>36</sup> Reside no Sol mas não se esgota nele, é a energia vital que emana do astro, Ré que está no Disco.



Apep; no fundo estamos perante uma teologização da realidade física: só existe um Sol de que nos apercebemos através dos sentidos. O seu calor permite que as plantas cresçam e venham a tornar-se alimento dos animais e do homem. Saciados eles vivem, crescem, movimentam-se mas não de forma anárquica, tudo está ordenado: os pássaros voam, os rebanhos saltam e correm e até os homens que executam as suas tarefas e saudam o deus, cumprem uma regra, trabalham para o Rei. Assmann descreve a jornada solar como *Luz-Movimento-Vida-Regulação*<sup>37</sup>, a *anima mundi* reflecte a *anima dei*, o Uno espelha-se na multiplicidade. Ao anterior conjunto de categorias, opõe-se um outro *Escuridão-Paragem-Morte-Caos*, ausência de Aton que «repousa na terra da luz»<sup>38</sup>. Não há um gestor que se encarregue deste novo quadro, os antigos senhores da des-ordem deixaram de existir, este tempo de não-*ma'at* é impossível de esconjurar por falta de mediação. Todo o movimento regulado pára, é a hora em que leões e serpentes, personificando os poderes malignos, saem para caçar e só eles parecem estar vivos, no meio da morte aparente dos homens que, também eles, deixaram de funcionar e estão indefesos, fechados nos quartos, de olhos cegos pela escuridão e narinas fechadas ao sopro da vida. Estamos perante um modelo cíclico da História, a recriação quotidiana. A luz regressa e tudo é re-ordenado. Tudo? Os perigos estão latentes, escondidos nos seus covis, aguardando que o Sol se ponha, tal com as forças do bem estiveram adormecidas de noite. O ciclo não é uma simples oposição Vida/Morte em sentido global mas um ciclo Yin-Yang.

Os Hinos reconhecem que Aton brilha e dá vida a todos os homens. Fê-los diferentes e de diferentes raças, deu-lhes rios diferentes. O princípio exclui a xenofobia, ignoramos se alguma vez foi aplicado.

QUADRO III  
Definição teológica de Aton

Referência	Número de ocorrências					Total
	GH	PH	1Ai	2Ai	3Ai	
Criador	25	12	0	0	0	37
Alimentador	28	0	0	0	0	28
Gestor	6	0	0	0	0	6
Deus eterno	1	2	3	0	0	6
Único	3	1	0	0	0	4
Luz do mundo	2	2	0	0	0	4
Autocriado	0	2	0	0	0	2
Oculto	2	0	0	0	0	2
Deus de amor	0	2	0	0	0	2
Senhor do dia	2	0	0	0	0	2
Omnisciente	2	0	0	0	0	2
Senhor absoluto	2	0	0	0	0	2
Deus próximo	1	0	0	0	0	1

<sup>37</sup>J. ASSMANN, *Egyptian Solar religion in the New Kingdom*, London, Kegan Paul International, 1994, p. 70.

<sup>38</sup>Nos textos consultados, a morada nocturna de Aton nunca é definida, cf. *Oxford History of Ancient Egypt*, p. 277.

### 4.3 O Rei

#### 4.3.1 *Qualificativos do rei*

Tal com os deuses, também o rei era objecto de numerosos qualificativos presentes, por exemplo, no seu nome completo. Nos textos que vimos analisando, os principais epítetos régios estão discriminados no Quadro IV. Encontramos imediatamente um paralelismo com os *Qualificativos de Aton*, os dois são eternos, embora com diferentes graus de eternidade, só o deus se fez a si mesmo e fez o rei. Enquanto existiu a realeza, algo como 3000 anos, o soberano foi o vértice da pirâmide social. Começou por ser percebido como a manifestação de um deus vivo, Hórus, o mesmo que, atrás da cabeça, o protegia. Sereno, belo e ausente, não pertencia totalmente a este mundo. A partir da IV Dinastia, o título de *Sa Ré* (Filho de Ré) aparece associado ao faraó que passa a construir, ao lado do seu túmulo, um templo para o deus. No fim do Império Antigo, a sua múmia é depositada num túmulo em cujas paredes estão gravados os textos que ele deve recitar, fórmulas que lhe garantam poder enfrentar o julgamento dos deuses e alcançar a vida eterna; a imortalidade passa portanto a ser conquistada.

QUADRO IV  
Qualificativos do Rei

Referência	Número de ocorrências					Total
	GH	PH	1Ai	2Ai	3Ai	
Eterno	0	0	5	2	7	14
Augusto	0	2	0	0	0	2
Sagrado	0	1	0	0	0	1
Grande na sua vida	1	0	0	0	0	1

O Império Médio é governado por um homem e a estatuária representa-o como tal. Alguém que tomou sobre si pesadas responsabilidades, que assegura o equilíbrio da terra para que não se afaste do equilíbrio divino: a *Ma'at*, que é o garante de uma espécie de contrato social capaz de arrastar para bem longe as recordações terríveis do Primeiro Período Intermediário. O Império Novo implica, porém, a existência de um homem igualmente novo no trono de Tebas. Saído de uma luta de muitos anos contra os invasores Hicsos, o faraó é um general. Por definição, um general glorioso cujas flechas trespassam os corpos dos inimigos. Ao mesmo tempo, de acordo com o seu papel multissecular, ele recria o mundo e restabelece a harmonia primordial. Diz-se de Ramsés II:

*Aquele que criou novamente o mundo como no momento da Criação*  
(Inscrição de Tanis)

E de Tutankhamon:

*Ele afugentou [...] a desordem [...] para que a ordem (Ma'at) seja restabelecida. Destroí a mentira e o mundo é como que criado por ordem sua.*

(Estela da Restauração)

O faraó do Império Novo é a «muralha do exército», o «triunfador dos inimigos». Tudo deriva portanto deste ser, verdadeira interface entre as esferas do humano e do divino. E se o poder do faraó se encontrar em crise? Então, o momento é terrível e as forças do caos desencadeiam-se no mundo, o Sol não nasce, o ciclo interrompe-se. Veja-se um exemplo<sup>39</sup>. Refere-se aos últimos anos do longo reinado de Pepi II (noventa e quatro anos). Todo o país se fragmenta. O sábio Ipu-Wer<sup>40</sup> consegue chegar junto dele e revelar a extensão da tragédia em que o Egípto se encontra:

*...Um mal nunca vem só; o rei é destituído de todos os poderes. O que a pirâmide ocultava desapareceu [...] O segredo da terra, cujos limites eram desconhecidos, é divulgado. A residência é derrubada numa hora, a Serpente sagrada é arrancada da sua sede. O segredo do Rei do Alto e Baixo Egípto é divulgado[...]. Os chefes do país vagueiam necessitados, sem emprego. Nenhuma Secretaria está no devido lugar, ninguém se ocupa do gado. Nenhum artífice trabalha e os inimigos despojam o país dos seus tesouros artísticos. Tudo se encontra em ruínas[...]*

Ou, como diz Camões<sup>41</sup>: *Um fraco rei faz fraca a forte gente.*

Sacerdote por excelência, interlocutor directo dos deuses, através de rituais e dádivas, assegura a protecção do país e renova-o. A sua ausência gera um período tenebroso em que o mundo se vira às avessas, separam-se as Duas Coroas, enfraquecem as fronteiras e o ser humano desenvolve os mais estranhos comportamentos. Morto o faraó, é preciso que o sucessor esteja nomeado e coroado dentro do tempo prescrito a fim de que a ordem seja imediatamente restabelecida.

#### 4.3.2 Definição teológica do Rei

À semelhança do deus, também o rei se define teologicamente no conjunto dos Textos Principais. O Quadro V mostra aquilo que já tantas vezes referimos, a sua filiação com Aton, saiu do corpo dele. Conserva, no entanto a relação tradicional com Ré (Sa Re - filho de Ré) mas contrariamente aos seus antepassados, Akhenaton é mais do que um mediador, é «deus como Aton» (1Ai), um deus visível que se mostra na Terra (1Ai) ou simplesmente «deus» (GH).

O tema da paternidade divina do faraó é muito acentuado no Império Novo. Um papiro do Império Médio (Papiro Westcar) já se referia aos três primeiros reis da V Dinastia como filhos de Ré e de mãe mortal mas foi a rainha Hatchepsut<sup>42</sup> quem levou mais longe a teogamia e mandou gravar no templo de Deir el Bahri, toda a história da sua concepção semidivina e a sua apresentação feita por Amon aos outros deuses que exclamam: «Ela é tua filha, nascida do teu corpo, que tu concebeste e criaste».

Ramsés II dirige-se a Amon como um filho e o deus responde-lhe como um pai. Diz-lhe em Karnak:

<sup>39</sup> B. de RACHEWILTZ, *A Vida no Antigo Egípto*, Lisboa, Círculo de Leitores, sem data de impressão, pp. 67-72.

<sup>40</sup> Segundo J. NUNES CARREIRA, poderá tratar-se do reflexo de uma possível crise do Império Novo.

<sup>41</sup> LUÍS de CAMÕES, *Os Lusíadas*, Canto III, 138.

<sup>42</sup> Sobre a teogamia tal como é apresentada neste reinado, veja-se C. D. NOBLECOURT, *Hatchepsout*, Paris, Pygmalion/Gérard Watelet, 2002.

*Tu vens a mim com a alegria de ver a minha beleza, meu filho, meu guerreiro [...].  
Foram as minhas mãos que te deram o corpo com segurança e beleza. Como é agradável  
a tua beleza ao meu coração. Eu dei-te a valentia e a vitória sobre toda a terra*<sup>43</sup>.

Em Kadesh, o mesmo rei pede o auxílio do seu pai divino, censura-o mesmo por não o socorrer:

*Em verdade, que se passa meu pai Amon ?  
Alguma vez ignorou um pai a seu filho ?  
Terei eu feito algo fora de ti ?  
Não ando e me mantenho segundo a tua palavra ?  
Não desobedeci a algo que me houvesses ordenado*<sup>44</sup>.

No que respeita a Akhenaton, não existiam mitos de concepção e ele também os não criou.

QUADRO V  
Definição teológica do Rei

Referência	Número de ocorrências					Total
	GH	PH	1Ai	2Ai	3Ai	
Filho de Aton	3	4	2	5	5	19
Filho de Ré	1	1	1	0	0	3
Deus como Aton	0	0	1	0	1	2
Deus	1	0	0	0	0	1

#### 4.3.3 Paralelismo entre o Rei e Aton

Está resumido no Quadro VI.

O facto de a personagem «Rei» ter uma leitura teológica implica a existência de funcionalidades paralelas com o deus, as quais se exercem contudo em lugares diferentes.

Akhenaton é a imagem viva de Aton, as suas acções, além de humanas, são litúrgicas.

O paralelismo com o deus está concentrado nos «Textos do túmulo de Ai». Não é de estranhar que este cortesão, tantas vezes galardoado pelo seu senhor, comece por enfatizar o seu papel como distribuidor de bens. Aton alimenta o mundo com a sua energia, criou para os egípcios um Nilo que vem de além-mundo. Tal como a sua cheia fecunda a terra e a faz produzir riqueza, uma inundação igual jorra das mãos de Akhenaton, uma inundação de ouro e prata (2Ai, ls. 20-21) destinada aos seus fiéis servidores, aqueles que, como Ai, ele instruiu na sua doutrina (3Ai, l. 18). Quando, semelhante a Aton no céu, o rei se mostra na varanda do palácio, é motivo de regozijo para os súbditos, eles vivem diante da sua presença e alegremente o aclamam e saltam

<sup>43</sup> Sobre a relação entre este faraó e Amon, veja-se C. D. NOBLECOURT, *Ramsès II*, Paris, Pygmalion/Gérard Watelet, 1996.

<sup>44</sup> W. HALLO (ed.), Poema da Batalha de Kadesh, K. A. Kitchen (Trad.) in "The Context of Scriptures", Vol. II, *Monumental Inscriptions from the Biblical World*, Leiden, Brill, 2000, pp. 32-38. Tradução do autor.

QUADRO VI  
Paralelismo entre o Rei e Aton

Referência	Número de ocorrências					Total
	GH	PH	1Ai	2Ai	3Ai	
<u>Akh.</u> inunda de riqueza os que o servem, como Aton	0	0	0	3	3	6
<u>Akh.</u> é o dador da vida além-túmulo	0	0	0	0	5	5
A beleza do rei faz viver, como a de Aton	0	0		1	4	5
O rei é alimentador como Aton	0	0	0	2	2	4
<u>Akh.</u> cria os homens como o deus	0	0	0	1	2	3
O rei mostra-se no palácio como Aton no céu	0	0	0	0	1	1
O <i>ka</i> do rei está com os homens tal como o de Aton	0	0	0	0	1	1

de alegria, pelo menos os que recebem presentes. Sol brilhando na terra, o rei percorre um mini-firmamento, simbolizado na Grande Avenida de Akhetaton para que a sua presença benfazeja nunca abandone os habitantes que, na sua falta, se quedariam como mortos, tal como acontece quando o astro repousa na «Terra da Luz». Nos templos de Karnak e de Akhetaton, o rei é substituído por estátuas numerosas e gigantescas que proclamam diante de todos que aquele corpo andrógino ou assexuado, simbólico ou realista, nem por isso deixa de ser o do «Belo Filho de Aton<sup>45</sup>».

O terceiro texto do túmulo de Ai é ainda importante na medida em que por cinco vezes proclama que é Akhenaton e já não Osíris o dador da vida além-túmulo. A morte sempre foi uma preocupação constante dos egípcios. Não havia, tanto quanto sabemos, nenhum drama à sua volta, os sepulcros construíam-se em vida dos seus futuros habitantes, os corpos eram mumificados e protegidos por sortilégios e amuletos. A alma conhecia o modo como se deveria comportar e os textos gravados nas paredes ou escritos em papiros que levava no sudário, ensinavam as respostas que lhe cumpria produzir. Consumados que eram os ritos de passagem, o morto, agora renascido e dotado com alimentos, armas para caçar, perfumes e trajes sumptuosos, era suposto gozar de uma existência agradável. O povo tinha menos posses para garantir o direito à vida futura mas os milagres aconteciam e talvez alguém se ilustrasse numa campanha, viesse a progredir no sacerdócio ou no funcionalismo e recebesse autorização do rei para construir o seu túmulo. Akhenaton mantém a mumificação, o «escaravelho do coração» é agora simplesmente portador de uma oração a Aton<sup>46</sup>. Desaparecem das paredes dos túmulos os textos do *Livro dos Mortos* ou as cenas do julgamento de Osíris, em favor da representação da família real sob os raios de Aton. São hinos de lou-

<sup>45</sup> Inscrição de um frasco de cosméticos pertencente à dama Kia. Cf. C. ALDRED, *Akhenaton,, king of Egypt*, London, Thames and Hudson, 1999, p. 204.

<sup>46</sup> D. B. REDFORD, *Akhenaten*, p.176.

vor ao Disco que se estão gravados nas paredes do túmulo de Ai. Nos ângulos do sarcófago preparado para Akhenaton, Nefertiti assume o carácter de divindade protectora substituindo-se a Ísis e a Néftis. Um dos pontos fracos da religião atonista diz respeito ao facto de não existir uma doutrina clara a respeito da vida além da morte nem aparentemente algum critério de ordem ética para a atribuição dessa mesma vida. Terão todos, bons e maus, acesso à eternidade? Se atendermos a 3Ai, verificamos que o «Pai Divino» a reivindica ou melhor a solicita, não só com base na sua fidelidade ao soberano e à boa recepção que deu aos ensinamentos dele mas também fazendo salientar um argumento de ordem moral, a rectidão da sua vida. Tem uma boa natureza (l. 17) e abomina a falsidade (l. 11). O critério fundamental é no entanto o favor do rei.» «O meu senhor fez-me avançar porque eu praticava a sua doutrina» – dirá o funcionário Mai<sup>47</sup>. Tempos antigos e recentes têm-nos mostrado o valor deste género de frases. Sabe-se que, posteriormente, este mesmo Mai caiu em desgraça e o seu nome foi apagado do túmulo. A estatueta funerária de Hat, contemporânea de Akhenaton, tem uma inscrição que, sem qualquer referência aos antigos mitos se limita a dizer:

*Oferta feita pelo rei ao Disco vivo (a Aton) que ilumina cada terra com a sua beleza, para que ele conceda a doce brisa do norte, uma longa vida no belo Ocidente, uma refrescante libação, vinho e leite, sobre o altar de oferendas do seu túmulo, para o ka do idenu<sup>48</sup> Hat, com vida renovada!<sup>49</sup>*

Sabemos que Hat possui «uma vida renovada» mas não sabemos como caracterizá-la. O seu espírito parece flutuar como um lótus no grande oceano do céu. Não é seguramente isto que o egípcio médio pretendia depois da morte. Segundo Christian Jaq, esta nova concepção diz que, depois da morte, a alma se desprende do corpo, ascende à luz do Sol e participa da sua energia. À noite, espera ansiosa o regresso da luz mas fá-lo num ambiente sem monstros nem perigos<sup>50</sup>. Em 3Ai, o «Pai Divino» pede para descansar na montanha de Akheteton (l. 46), aí onde o rei lhe concedeu um túmulo (l. 44). Vai para o «lugar do eleito» (l. 75) onde receberá o «pão puro da oferenda» (l. 68), alimentando-se do sacrifícios a Aton, aí (no templo ou no túmulo?) o seu nome deverá ser pronunciado.

#### 4.3.4 Relação Aton-Rei

Podemos resumi-la no Quadro VII. Não encontramos grandes novidades, sempre os deuses funcionaram como protectores do rei, dando-lhe uma vida longa e a vitória sobre os povos estrangeiros que parecem existir principalmente para serem vencidos por ele. A informação mais importante, embora com um baixo número de ocorrências, é a que nos diz que Aton ensina ao Rei os seus segredos (GH). É a justificação teológica do seu papel de doutrinador. De que forma se dá a comunicação entre os dois? Sabemos que Amon o faz através do seu oráculo que «é firme» e cujas ordens são «sublimes»<sup>51</sup> mas nada encontramos a respeito de um oráculo de Aton, ele fala direc-

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 116.

<sup>48</sup> *Idenu* – administrador provincial delegado (DAE).

<sup>49</sup> CORTEGGIANI, «The Egypt of the Pharaohs», *apud* L. M. ARAÚJO, *Estatuetas funerárias egípcias da XXI dinastia*, Tese de Doutoramento em História Pré-Cássica, vol. I, Faculdade de Letras de Lisboa (Instituto Oriental), 1998, p. 175.

<sup>50</sup> JACQ, Christian, *Nefertiti e Akhenaton*. p. 146.

<sup>51</sup> Veja-se em Anexo o «Hino a Amon, na introdução do decreto para Nesikhonsu»

tamente com o rei, «...E meu Pai falou comigo.»<sup>52</sup> O rei ouve e proclama as ordens do deus «à cidade e ao mundo», assim procede, nomeadamente, para a construção da nova capital. Se Aton fala a seu filho, não o faz para mais ninguém. É um deus a quem se não reza, talvez atenda aos homens mas fá-lo através do faraó, a sua imagem reflectida neste mundo.

QUADRO VII  
Relação Aton-Rei

Referência	Número de ocorrências					Total
	GH	PH	1Ai	2Ai	3Ai	
At. mora no coração do Rei	1	1	0	0	0	2
Fez a criação para usufruto do Rei	2	0	0	0	0	2
Escuta o que está no coração do Rei	0	0	1	0	0	1
Ama o Rei	0	0	1	0	0	1
Abraça o Rei	0	0	0	1	0	1
Dá-lhe saúde	0	0	0	1	0	1
Está sempre com ele	0	0	0	0	1	1
Protege o Rei	0	0	0	0	1	1
Submete os povos estrangeiros para o Rei	1	0	0	0	0	1
Ensina-lhe os seus segredos	1	0	0	0	0	1

#### 4.3.5 Relação Rei-Aton

Vejamos o Quadro VIII:

QUADRO VIII  
Relação Rei-Aton

Referência	Número de ocorrências					Total
	GH	PH	1Ai	2Ai	3Ai	
O rei entoava louvores a Aton	0	3	1	0	0	4
Compraz-se no seu templo	0	1	0	1	0	2
Rejubila em Aton	0	1	0	0	0	1
Serve Aton	0	1	0	0	0	1
Administra a criação para Aton	0	0	1	0	0	1
Faz o que agrada a Aton	0	0	0	0	1	1
Catequiza na fé de Aton	0	0	0	0	1	1

<sup>52</sup>Veja-se em Anexo o «2.º Discurso de Akhenaton aos cortesãos».

A relação Rei-Aton desenvolve-se nos termos habituais. O faraó tem por missão «fazer o que agrada aos deuses», expressão que engloba a correcta execução dos rituais, a construção, ampliação e restauro de templos, ofertas de terras e gado, alimentos, libações, flores e perfumes. Sempre o rei foi e há-de ser representado no exercício destas funções; fê-lo diante de outros deuses, fá-lo diante de Aton. O que é novo é o seu papel de profeta do deus. Conhecemos já o teor dos ensinamentos do Rei e quão cedo os proclamou.

#### 4.3.6 Rituais de Aton

Não temos, ao que se sabe, qualquer descrição das cerimónias religiosas que se desenrolavam em Akhetaton ou noutros templos. O Quadro IX sintetiza os elementos dispersos que é possível respigar dos textos em análise. O Pequeno Hino descreve uma cerimónia no santuário do *ben-ben* em Akhetaton; o Rei preside e entoia louvores, acompanhado por cantores e músicos, diante de uma mesa de oferendas. Nefertiti acompanha o esposo mas também celebra sozinha. Aton, o pai da Criação recusará os sacrifícios cruentos? Diz o seu real filho que «o cheiro do sangue do carneiro sacrificado a Amon ofende as narinas humanas<sup>53</sup>». Um relevo mostra o ar visivelmente repugnado do rei ao torcer o pescoço de um pato<sup>54</sup>, talvez para oferta ao seu deus. Não obstante estes protestos, Aton parece receber de bom grado oferendas de animais, o texto que designámos por 2.<sup>º</sup> *Discurso de de Akhenaton aos cortesãos*, fala-nos de verdadeiras hecatombes.

QUADRO IX  
Rituais de Aton

Referência	Número de ocorrências					Total
	GH	PH	1Ai	2Ai	3Ai	
O rei oficia na casa do Ben-ben	0	1	0	0	1	2
Oferece a Ma'at	0	0	0	1	0	1
Oferece alimentos	0	1	0	0	0	1
Nfertiti canta	0	1	0	0	0	1
Agita o sistro ritual	0	0	0	0	1	1
Cantores e músicos estão presentes	0	1	0	0	0	1

Quando está presente, a rainha canta e agita o sistro ritual. A acção decorre num novo espaço do sagrado, obra de Ineni que desenvolveu concepções arquitectónicas anteriores, como o templo de Heliópolis e o de Amen-hotep III, na margem oeste do Nilo.

Os espaços são abertos, não há telhados, o Sol penetra livremente e a sua luz tudo ilumina. Ao longo de duas vezes 365 peanhas, dispõem-se ofertas para o deus. Aton estende as suas mãos em benção para o casal régio, este ergue-as ao encontro dele. É um espaço de comunhão e de alegria.

<sup>53</sup>O. NEVES, *Oitenta vidas que a morte não apaga*, F. Correia da Silva (Coord.), Lisboa, Público, 1997.

<sup>54</sup>C. ALDRED, *Akhenaton*, p. 211.



#### 4.4 A Rainha

De acordo com o Quadro X, os qualificativos da Rainha não são teológicos como os do Rei mas referem-se ao seu estatuto enquanto mulher e soberana. Na verdade, ela não é filha de Aton, embora tenha uma relação especial com o deus, é sacerdotisa e esposa do profeta. Partilha a glória do Rei e é amada por ele mas é também a «Senhora das Duas Terras», um *talatat* proveniente de Hermópolis<sup>55</sup> mostra-a de arma em punho e prestes a esmagar os inimigos do Egipto, aqui representados por mulheres prisioneiras, uma homologia da sempre repetida cena que já aparece na Paleta de Narmer mas em que é o actor principal é o Rei, não a Rainha. Nefertiti é mencionada no GH que diz que, se todas as coisas que foram feitas para o Rei, também o foram para a Grande Esposa Real. Por vezes, faz oferendas ao deus na companhia das filhas, é mesmo a presença dominante na *Casa do Ben-ben*, em Karnak. A sua tão proclamada importância torna estranho o facto de estar completamente ausente da correspondência diplomática do marido<sup>56</sup>.

A relação Aton-Princesas não aparece discriminada em nenhum dos hinos. As representações plásticas mostram no entanto que, para além dos seus régios pais, também os raios do deus afloram as suas cabeças o que significa que, pelo menos enquanto membros da família real, o deus as distingue da restante humanidade.

QUADRO X  
Qualificativos da Rainha

Referência	Número de ocorrências					Total
	GH	PH	1Ai	2Ai	3Ai	
Vive eternamente	1	0	1	0	1	3
É amada pelo rei	1	0	1	0	1	3
É bela	0	0	0	2	0	2
Tem voz agradável	0	0	0	0	1	1
Senhora das Duas Terras	1	0	0	0	0	1

#### 4.5 Aton, o povo e a natureza

Em termos cultuais, o povo tinha, como sempre havia tido, uma relação mediada pelos reis ou pelos sacerdotes. No entanto, contrariamente ao que acontecia com os outros deuses, o símbolo de Aton era visto por todos e não estava confinado a qualquer *Santo dos Santos*. O Sol ergue-se e põe-se todos os dias e para todos os homens; os hinos descrevem-nos o seu júbilo. Mal desponta a aurora, fazem gestos de adoração (GH, l. 34), vivem (PH, l. 24, GH, l. 120), os corações alegam-se (PH, l. 16). Há portanto, um conjunto de gestos e palavras que exprimem, no dizer dos textos, uma espécie de culto popular. As descobertas realizadas em Amarna mostram contudo que o que se encontra nas casas particulares é a representação da família real iluminada pelos raios de Aton e não o símbolo do deus isoladamente. A relação directa entre o homem comum e o seu criador é portanto bastante ténue.

<sup>55</sup> C. ALDRED, *Akhenaton*, p. 153.

<sup>56</sup> D. B. REDFORD, *Akhenaten*, p. 138.

Tal como os homens, animais e vegetais ligam-se a Aton por gestos de alegria apropriados à sua condição, voam, saltam ou abrem as corolas à luz do Sol. Nisto consiste a sua relação directa com o deus. Indirectamente, acabam por estabelecer um contacto mais íntimo quando são depositos sobre a mesa de oferendas.

A relação entre Aton e a humanidade em geral manifesta-se enquanto criador dos homens e garante do seu sustento. Eles recebem do deus o sopro de vida nas suas narinas (PH, l. 45) e por isso mesmo são capazes de viver durante o específico intervalo de tempo que lhes foi consignado (GH, l. 77). Assegura a reprodução, fazendo crescer a semente do homem no seio da mulher (GH, ls. 48-49) e acompanhando o desenvolvimento do feto (GH, ls. 50,56). Ao nascer, é ainda o deus que abre a boca da criança e lhe comunica o hálito da vida (GH, l. 58).

Contrariamente ao que seria de esperar de um deus distante<sup>57</sup>, como é muitas vezes considerado, Aton cuida do bebé (GH, l. 56), assumindo um papel nitidamente maternal, é de facto «mãe e pai de todas as criaturas» (PH, l. 12), epíteto que no Grande Hino se exprime num sentido mais lato, todos os hemens e não só os egípcios são obra de Aton (GH, ls. 85,87) que para todos brilha e produz vida e alimento (GH, ls.75-80). Gerou uma pluralidade de povos que diferem na cor da pele e no falar; para todos fez a chuva, o Nilo do Céu (GH, l. 90) que vem das montanhas para fecundar as colheitas (GH, l. 93) tal como o Nilo que vem da *duat* alimenta os egípcios com as suas cheias (GH, l. 82). Ora este sublime conceito de irmandade não está expresso em termos humanitários mas friamente políticos. Todas as coisas, pessoas e animais que vieram de Aton foram feitas para o Rei (GH, l. 130) e para a Rainha (GH, l. 137), todos lhes devem obediência. No dizer de Morentz<sup>58</sup> é uma perspectiva claramente egípcio-tocêntrica.

---

## 5. Conclusões

---

Em meados do século XIV a.C., a sociedade egípcia foi abalada por uma revolução religiosa e cultural desencadeada pelo seu próprio faraó Amen-hotep IV. Conhecemos hoje as suas ideias religiosas através dos chamados *Hinos de Aton*, gravados nos túmulos de Amarna. Na verdade, Aton fora adorado pelos dois antecessores do monarca e o símbolo do disco solar existia desde há muito.

A análise global dos Textos de Aton efectuada neste trabalho levou às seguintes conclusões:

- 1) São textos de esclarecimento teológico, muito parecidos com os hinos de Amon, seus antecessores próximos, mas que fazem igualmente a apologia do poder real.
- 2) A maior parte do seu conteúdo é consagrada às definições teológicas de Aton (42.67%) e do rei<sup>59</sup> (10.46%), sua imagem neste mundo. O espaço destinado aos qualificativos destas duas personagens é bem menor (19.25%).

---

<sup>57</sup> Mas fisicamente próximo, na medida em que transmite a luz e o calor.

<sup>58</sup> S. MORENTZ, *La Religion Égyptienne*, 3ª Ed., Paris, Payot, 1984, p. 75.

<sup>59</sup> Pontos 2 e 4, respectivamente.

Ao binómio atoniano *Vivo, Criador* corresponde *Eterno, Filho de Aton* para o rei. A «eternidade» deve aqui ser entendida enquanto sinónimo de vida longa e de vida *post mortem*, já que Akhenaton é obra do seu pai divino e só este foi auto-criado.

- 3) Os rituais de Aton<sup>60</sup> merecem muito pouco destaque (2.93%) mas a informação disponível e as representações plásticas que chegaram até nós em grande número revelam cenas que, à excepção do símbolo solar, não diferem muito das passadas e futuras representações de oferendas. A rainha goza de uma abundante participação neste domínio e surge isoladamente ou na companhia das filhas. O poder temporal que lhe cabe é acentuado nos hinos, *Senhora das Duas Terras*, embora esteja ausente da correspondência diplomática que conhecemos.
- 4) O rei, a rainha e até certo ponto as princesas constituem o núcleo de mediadores entre os homens e Aton. Assim se compreende que o cortesão Ai se dirija ao soberano para implorar a vida eterna. Representações da família real substituem Osíris e a sua corte na decoração dos túmulos. Nefertiti protege o sarcófago do seu esposo em substituição de Ísis e Néftis.
- 5) O bom comportamento moral e cívico baseia-se na fidelidade à pessoa do rei e na prática da sua doutrina. Estas são as únicas acções dignas de recompensa nesta e na outra vida. Contrariamente ao que se exprime em várias *Instruções* e é típico do movimento de piedade pessoal do Império Novo, os textos atonistas não formulam outras exigências éticas.  
Os seres humanos saúdam o Disco, trabalham para o rei, adormecem, reproduzem-se, acordam e voltam a trabalhar mas não parecem animados de qualquer tipo de vida social.
- 6) A História desenvolve-se numa recriação quotidiana que obviamente não é circular, nunca se volta ao primeiro dia, mas sinusoidal. Aton domina o tempo da luz e afasta-se de noite, lugar de todos os perigos, tempo sem deus, tempo de não-ma'at.
- 7) A religião de Aton exclui a dimensão da fé. O deus, a parte da sua essência que está presente no Sol, é imediatamente percebido através dos sentidos. De acordo com a experiência do quotidiano, a vida é fecundada pela energia solar, a aurora enche de alegria o coração dos homens e faz cantar os pássaros, o pano de fundo é racional e não mítico. O Atonismo limita-se a produzir uma leitura teológica desta realidade.
- 8) Considerando a distância alargada entre Aton e os homens, compreende-se que muito poucos tivessem alguma simpatia pela nova religião, exceptuando um círculo restrito de funcionários régios, por convicção ou conveniência. A restante população, condicionada por longo convívio com os deuses tradicionais, seus companheiros na vida, na morte e depois dela, não poderia escapar a uma sensação de vazio e solidão diante do deus de Akhenaton.

São Pedro do Estoril, 20 de Fevereiro de 2004

<sup>60</sup>Ponto 8.

---

## 6. Bibliografia

---

### Fontes

- P. GRANDET, *Hymnes de la Religion d'Aton*, Paris, Ed. du Seuil, 1994.  
M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature, A Book of Readings*, vol. II, Los Angeles/ Berkeley/ Oxford, University of California Press, 1976.  
W. HALLO (ed.), *The Context of Scriptures. Monumental Inscriptions from the Biblical World*, vol II., Leiden, Brill, 2000.

### Dicionários e Enciclopédias

- L. M. de ARAÚJO, (dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Caminho, 2001.

### Geografia e História Geral do Antigo Egípto

- N. GRIMAL, *Histoire de l'Égypte ancienne*, Paris, Fayard, 1988.  
B. MANLEY, *Atlas historique de l'Égypte ancienne*, Avon, Éditions Autrement – The Bath Press, 1998.  
I. SHAW (ed.), *The Oxford History of Ancient Egypt*, Oxford University Press, 2003.  
B. G. TRIGGER, B. J. Kemp, D. O'Connor, A. B. Lloyd, *Historia del Egípto Antiguo*, Barcelona, Crítica, 1997.

### Estudos sobre Akhenaton e a sua época

- C. ALDRED, *Akhenaton, king of Egypt*, London, Thames and Hudson, 1999.  
F. FÈVRE, *Akhenaton et Néfertiti. L'amour et la lumière*, Canale, Editions Hazan, 1998.  
M. GABOLDE, *D'Akhenaton à Toutânkhamon*, Université Lumière-Lyon 2, Institut d'Archeologie et d'Histoire de l'Antiquité, Paris, Diffusion de Brocard, 1998.  
C. JACQ, *Nefertiti e Akhenaton*. Lisboa, Bertrand, 2000.  
D. B. REDFORD, *Akhenaten, the Heretic King*, Princeton University Press, 1987.

### Bibliografia geral

- L. M. de ARAÚJO, *O clero de Amon no antigo Egípto*, Lisboa, Cosmos, 1999.  
L. M. de ARAÚJO, *Estatuetas funerárias egípcias da XXI dinastia*, Tese de Doutoramento em História Pré-Cássica, vol. I, Faculdade de Letras de Lisboa (Instituto Oriental), 1998.  
J. ASSMANN, *Egyptian Solar religion in the New Kingdom*, London, Kegan Paul International, 1994.  
J. NUNES CARREIRA, *Mito, Mundo e Monoteísmo*, Lisboa, Europa-América, 1994.  
J. NUNES CARREIRA *Estudos de Cultura Pré-Clássica*, Lisboa, Presença, 1985.  
J. NUNES CARREIRA, *Filosofia antes dos Gregos*, Lisboa, Europa-América, 1994.  
R. DAVID, *Religion and Magic in Ancient Egypt*, London, Penguin Books, 2002.  
A. ERMAN. e H. Ranke, *La civilisation égyptienne*, Paris, Payot, 1986.  
S. MORENTZ, *La Religion Égyptienne*, 3<sup>ème</sup> ed., Paris, Payot, 1984.  
B. de RACHEWILTZ, *A Vida no Antigo Egípto*, Lisboa, Círculo de Leitores, sem data de impressão.  
J. das CANDEIAS SALES, *As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egípto antigo*. Lisboa, Estampa, 1999.  
J. das CANDEIAS SALES, *A ideologia real académica e egípcia. Representações do poder político pré-clássico*. Lisboa, Estampa, 1997.

---

## Anexos

---

### Primeiro Discurso de Akhenaton aos cortesãos

Nos primeiros meses do seu reinado, Amen-hotep IV dirigiu-se à corte, anunciando que de futuro iria cultuar uma única divindade. Parte do discurso encontra-se gravado nos blocos que serviram de enchimento ao décimo pilone de Horemheb, em Karnak. Só dispomos portanto de uma versão fragmentária<sup>61</sup>.

Diz assim:

*Hórus (?) [...]*  
 [...]  
 [... os seus templos (?)] em ruína  
 [os seus corpos (?)] não [...]  
 [...desde o tempo dos (?)] antepassados  
 é o homem sábio que [...]  
 [...] olhai, eu digo que devo informar-vos [...]  
 [...]  
 [... as fo]rmas (?) dos deuses,  
 Eu conheço [os seus (?)] templos [...]  
 [... os esc]ritos de / e o inventário manual dos seus corpos primeiros [...].  
 [...] eles cessaram um após outro embora [feitos] de pedras preciosas [ouro] [...]  
 [... que ele mesmo deu origem] a si próprio  
 e ninguém sabe o mistério de [...].  
 [...] ele vai para onde quer e eles desconhecem o [seu] percurso [...]  
 [...]para ele (?) à (?) noite  
 Mas eu aproximo-me [...]  
 [...o...] que ele fez  
 Quão sublimes eles são!  
 [...] os seus [...] como estrelas  
 Louvor a ti na [tua (?) ] radiância! [...]  
 [...]  
 Como seria ele, outro da tua natureza?  
 Tu és aquele que [...]  
 [...]  
 [para eles, naquele (?) teu nome]  
 [...]

### Segundo discurso de Akhenaton aos cortesãos

Em 1370 a.C., Akhenaton visitou a nova cidade de Akhetaton cujas obras iam já adiantadas. Um texto coetâneo<sup>62</sup> relata que:

<sup>61</sup> D. B. REDFORD, *Akhenaten*, p. 172.

<sup>62</sup> D. B. REDFORD, *Akhenaten*. pp. 143-144. Sublinhado nosso.

[O rei] apareceu no [seu] grande carro de electrum semelhante ao Disco Solar quando brilha no horizonte e enche a terra com o seu amor...A terra rejubilava e todos os corações se alegraram quando o viram (o Rei) fazendo a seu Pai (o Disco Solar) uma grande hecatombe de pão, cerveja, gado de cornos curtos e longos, caça, criação, vinho, fruta, incenso, libações e todos os vegetais finos.

A seguir à oferenda

*Sua majestade [disse]: Trazei-me os reais cortesãos, os grandes do palácio, os oficiais do exército [...e a ] totalidade da [comitiva (?)] e eles foram rapidamente levados à sua presença. Então, ficaram ansiosos diante dele, beijando o chão na sua presença. Disse-lhes Sua Majestade:*

*Vede [Akhetaton] que o Disco Solar deseja ver construída para si próprio, como um memorial ao seu nome. Ora foi o Disco Solar, meu Pai, que testemunhou (projectou) tudo o que diz respeito a Akhetaton; nenhum oficial o propôs nem [qualquer homem na] terra inteira. E meu Pai falou comigo. Ela pertencer-me-á como um horizonte do Disco, para todo o sempre.*

### Textos do túmulo de Ai<sup>63</sup>

Como o seu nome indica, estes textos provêm das paredes do túmulo do *Pai do Deus*, e posteriormente faraó, Ai, em Amarna. Reflectindo a teologia atonista do tempo, enfatizam a universalidade de Aton, o disco solar visível, e o papel de Akhenaton, seu filho. As expressões figurativas de abundância, em termos de medidas humanas da areia, do mar e das montanhas, são paralelas a um texto de Isaías (Isa 40,12). Aproveita igualmente Ai para fazer o seu próprio panegírico.

#### Primeiro Texto (1Ai)

(Parede oriental, colunas 1-5)

Adoração de Re-Horákhti, que alegra o horizonte sob o nome de Chu (Luz) que está em Aton [o disco solar] que dá a vida para sempre, [e do] Rei do Alto e Baixo Egipto Neferkheperuré-Uaenré<sup>64</sup>, filho de Ré, Akhenaton, grande na sua vida, [e] da Grande Esposa Real, Nefer-neferu-Aton Nefertiti,<sup>65</sup> vivendo para sempre.

*Louvor a ti quando amanheces no horizonte,  
Ó Aton vivo, senhor da eternidade!  
Que beijas o solo quando te elevas no céu  
Para iluminares todas as terras com a tua beleza,  
Os teus raios estão sobre o filho a quem amas,  
As tuas mãos seguram milhões de jubileus  
Para o Rei do Alto e Baixo Egipto, Neferkheperuré-Uaenré,  
O filho que surgiu dos teus raios.*

<sup>63</sup>W. HALLO (ed.), *The Context of Scriptures. Monumental Inscriptions from the Biblical World*, vol II., Leiden, Brill, 2000, pp. 66-67.

<sup>64</sup>Nome do trono de Akhenaton: "Belas são as manifestações de Ré, Aquele que é único (filho) de Ré".

<sup>65</sup>Nome da Rainha Nefertiti; "Bela é a beleza de Aton".

*Possas tu conceder-lhe o tempo da tua vida, os teus anos.  
 Possas tu escutar atentamente o que está no seu coração.  
 Possas tu amá-lo e fazeres que ele seja como Aton.  
 Possa o teu nascimento dar-lhe a eternidade;  
 Possa o teu ocaso dar-lhe vida para sempre.  
 Possas tu concebê-lo todas as manhãs como as tuas manifestações.  
 Possas tu moldá-lo à tua imagem como Aton,  
 O senhor da Ma'at, que surge da eternidade,  
 O filho de Ré, que exalta a sua beleza [de Aton]  
 E que para ele administra a obra dos seus raios:  
 O Rei do Alto e do Baixo Egípto que vive na Ma'at,  
 Senhor das Duas Terras, Neferkheperuré-Uaenré  
 E a Grande Esposa Real Nefer-neferu-Aton Nefertiti  
 Vivendo eternamente.*

### Segundo Texto (2Ai)

(Parede oriental, colunas 6-10)

É o Pai do Deus<sup>66</sup>, favorito do Deus Bom<sup>67</sup>, flabelífero à mão direita do rei, superintendente de todos os cavalos de Sua Majestade, fiel escriba real, amado por ele, é Ai, quem diz:

*Louvor a ti, ó Aton vivo,  
 Que ascendes no céu inundando os corações,  
 Quando te ergues, todas as terras estão em festa,  
 Os corações estão plenos de júbilo  
 Porque o seu senhor, o que se fez a si mesmo<sup>68</sup>,  
 Se ergueu sobre elas.*

*O teu filho oferece a Ma'at<sup>69</sup> diante do teu belo rosto  
 Enquanto enlevado, tu o contemplas,  
 Que de ti ele proveio.  
 Um filho da eternidade teve origem no Aton,  
 Aquele que favorece o seu benfeitor, que gratifica o coração de Aton,  
 Ao ascender no céu. ele rejubila no filho,  
 Quando o abraça com os seus raios  
 Concede-lhe uma eternidade  
 Enquanto rei como Aton:  
 Neferkheperuré-Uaenré, meu deus  
 Que me fizeste, que alimentaste o meu ka<sup>70</sup>*

<sup>66</sup> *Pai do Deus* ou *Pai Divino* – Título sacerdotal. Pode também referir-se a um grau de parentesco com o rei de quem Ai seria sogro.

<sup>67</sup> *Deus Bom* é um epíteto do rei.

<sup>68</sup> Variante (M. Lichtheim): “*When their lord, their maker, shines upon them*” – *Quando o seu senhor e criador, brilha sobre elas.*

<sup>69</sup> Acto litúrgico que consiste em oferecer a um deus a figurinha antropomórfica da Ma'at, recitando uma oração apropriada (DAE).

<sup>70</sup> *Ka* – A força vital e sexual do ser humano, o seu duplo espiritual e eterno (DAE).

*Possas tu saciares-me ao contemplar-te incessantemente.  
O teu carácter é como o de Aton: abundante em riquezas,  
Uma inundação<sup>71</sup> que surge diariamente, dando vida ao Egipto,  
Plena de ouro e prata como a areia das praias,  
A terra desperta para aclamar aquele que é poderoso nos recursos do seu ka.  
Ó tu a quem o Aton gerou, tu serás eterno,  
Neferkheperuré-Uaenré  
Vivo e de saúde pois que ele te gerou.*

### **Terceiro Texto (3Ai)**

(Colunas 11-30)

É o Pai do Deus, flabelífero à mão direita do rei, superintendente de todos os cavalos de Sua Majestade, fiel escriba real, amado por ele, é Ai quem diz:

*Eu fui aquele que foi fiel ao rei,  
O que foi nutrido por ele,  
O que foi escrupuloso para com o Senhor das Duas Terras,  
Diligente para o seu senhor,  
Eu segui o ka de Sua Majestade como seu favorito,  
O que contempla a sua beleza  
Quando ele se mostra no palácio,  
Eu estava à cabeça dos grandes e dos companheiros do rei,  
Primeiro de entre todos os seguidores de Sua Majestade.  
Ele depôs a Ma'at no meu corpo.  
Eu abomino a falsidade,  
Pois sei que o que agrada a Uaenré, meu senhor  
Que é pleno de sabedoria e verdadeiramente como Aton.  
Para mim, ele duplicou as recompensas em prata e ouro,  
Pois eu sou o primeiro dos grandes  
À cabeça dos seus súbditos.  
Ao meu carácter, à minha boa natureza devo esta posição.  
O meu senhor instruiu-me  
Para que pudesse pôr em prática os seus ensinamentos.  
Vivi adorando o seu ka;  
Fui saciado por tê-lo seguido  
Minha respiração que me faz viver,  
Meu vento do norte,  
Meus milhões de inundações quotidianas,  
Neferkheperuré-Uaenré.  
Possas tu conceder-me uma longa vida no teu favor.  
Quão próspero é o teu favorito, ó Filho de Aton!*

<sup>71</sup> Var. *um Hapy* – O Nilo divinizado, símbolo de fertilidade. Era representado por um homem de grandes seios e ventre proeminente (DAE).



Tudo o que ele faz é estável e florescente;  
 O ka do Senhor das Duas Terras está com ele para sempre.  
 Será pleno de vida quando chegar à velhice.  
 Ó meu senhor,  
 Que moldas o povo  
 Que transformas a vida  
 Concede um bom destino ao teu favorito,  
 Cujos corações estão na Ma'at  
 Que se alegra na verdade  
 Que abomina a falsidade  
 Como é feliz aquele que ouve o teu ensinamento de vida!  
 Possa ele ficar saciado  
 Ao contemplar-te incessantemente  
 Os seus olhos verem Aton todos os dias.  
 Possas tu conceder-me uma velhice digna no teu favor.  
 Possas tu conceder-me um bom funeral por decreto do teu ka  
 No túmulo que mandaste fazer para mim  
 Para que eu descanse  
 Nesta montanha de Akhet-Aton, o lugar do eleito.  
 Possa eu ouvir a tua voz agradável na Casa do Benben<sup>72</sup>  
 Quando tu fazes aquilo que agrada a teu pai, o vivo Aton.  
 Possa ele fazer que sejas eterno!  
 Possa ele recompensar-te com jubileus numerosos.

Como a areia das margens medida pelo oipe<sup>73</sup>  
 Como o cômputo do mar pelo dja  
 A totalidade das montanhas pesada na balança  
 Ou as penas das aves  
 Ou as folhas das árvores  
 Assim são os jubileus do rei Waenré  
 Para todo o sempre o rei,  
 Amparo da Grande Esposa Real que ele ama  
 A quem está unido com a sua beleza  
 E que apazigua o Aton com a sua voz agradável  
 E que nas suas belas mãos detém o sistro<sup>74</sup>  
 A Senhora das Duas Terras, Nefer-nefru-Aton Nefertiti  
 Vivendo para sempre, ao lado de Uaenré para sempre.

Enquanto o céu existir e tudo o que está nele  
 Teu pai, Aton, erguer-se-á no céu  
 Para te proteger todos os dias  
 Que dele foste gerado.

<sup>72</sup> Casa do Benben – Santuário do templo de Aton em Amarna. Primitivamente referia-se à pedra sagrada de forma cônica, guardada no templo de Ré em Heliópolis, e que era uma manifestação de Atum. (DEA).

<sup>73</sup> Oipe e dja – medidas de capacidade (M. Lichtheim).

<sup>74</sup> Sistro – Instrumento musical de bronze que, quando se agitava, produzia um som achocalhado (DEA).

*Possas tu conceder-me o pão puro da oferenda  
Que saiu da tua presença,  
Dos excedentes do teu pai Aton  
Como dádiva do teu ka.  
Possas tu fazer com que o meu ka exista firme e próspero  
Como quando eu estava na terra  
Seguindo o teu ka  
Para que suba em meu nome ao lugar do eleito  
No qual me permitiste repousar.  
A minha boca segura a Ma'at;  
Deixa que o meu nome aí seja pronunciado  
Pela tua vontade  
Porque eu sou o favorito que segue o teu ka.*

*Possa eu caminhar transportando as tuas dádivas  
Na minha velhice.  
Para o ka do flabelífero à mão direita do rei,  
O fiel escriba real que ele ama  
O Pai do Deus, Ai, que vive de novo.*

### O Pequeno Hino a Aton<sup>75</sup>

É conhecido em cinco versões<sup>76</sup>, nos túmulos de *Meriré I* (interior da porta, parede leste), *Tutu* (interior da porta, parede norte, registo inferior), *Mahu* (parede norte e sul da porta, estelas da parede norte e sul da sala principal) *Api* (2 cópias, nas paredes e na zona a oeste da entrada) e *Ani* (interior da porta, parede oeste).

Diz assim:

Adoração de Ré-Horákhti, que alegra o horizonte sob o nome de Chu (Luz) que está em Aton [o disco solar] que dá a vida para sempre, pelo Rei que vive na Ma'at, o Senhor das Duas Terras: Neferkheperuré-Uaenré; o filho de Ré, que vive na Ma'at, o Senhor das Coroas: Akhenaton, grande na sua vida, que viva para sempre.

*Esplêndido te ergues, ó Aton Vivo, senhor da eternidade!  
Tu és radioso, tu és belo, poderoso.  
Grande e profundo é o teu amor.  
Os teus raios iluminam todos os rostos,  
A tua tez brilhante dá vida aos corações  
Quando enches as Duas Terras com o teu amor  
Deus augusto que a ti mesmo te criaste,  
Que criaste a terra inteira e tudo o que nela existe.  
Povos, manadas e rebanhos,*

<sup>75</sup>M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature, A Book of Readings*, vol. II, Los Angeles/ Berkeley/ Oxford, University of California Press, 1976, pp. 91-92.

<sup>76</sup>P. GRANDET, *Hymnes de la Religion d'Aton*, Paris, Éd. Du Seuil, 1995, p. 73)

*As árvores que crescem do chão;  
 Todos vivem quando amanheces para eles.  
 Tu és a mãe e o pai de todas as criaturas.  
 Os olhos delas voltam-se para ti,  
 Quando ascendes no firmamento,  
 Quando os teus raios iluminam toda a terra;  
 Os corações abrem-se num clamor à tua vista  
 Quando te levantas como o seu senhor.  
 Quando baixas no céu do horizonte ocidental  
 Eles tombam como se morressem.  
 Ocultam as cabeças, tapam-se-lhes as narinas,  
 Até que brilhes no céu do horizonte oriental.  
 [Então] de braços [erguidos] saúdam o teu ka  
 Quando lhes alimentas o coração com a tua beleza.  
 Vivemos quando espalhas os teus raios,  
 Toda a terra está em festa.*

*Cantores, músicos, gritai de alegria,  
 No pátio do santuário do benben  
 E em todos os templos de Akhetaton,  
 O lugar da verdade em que te comprazes,  
 Em cujo centro te ofertamos alimentos.  
 O teu sagrado filho entoa-te louvores,  
 Ó Aton que vives nas alturas  
 E todas as criaturas saltam [de alegria] diante de ti.  
 O teu augusto filho rejubila  
 Ó Aton que vives todos os dias alegre no céu.  
 O teu descendente, o teu augusto filho, Único em Ré:  
 O filho de Ré não cessa de exaltar a sua beleza  
 Neferkhpruré Uaenré.*

*Eu sou o filho que te serve, que exalta o teu nome  
 O teu poder, a tua força estão vivos no meu coração  
 Tu és o Aton Vivo cuja imagem permanece,  
 Fizeste o céu longinquo para nele brilhares  
 E contemplares a tua obra.  
 Tu és Único mas milhões de vidas estão em ti  
 Para que as suas narinas recebam o sopro da vida.*

*Ao ver os teus raios todas as flores vivem  
 Os rebentos que crescem do chão abrem-se quando apareces  
 Embriagados pela tua luz os rebanhos brincam  
 Os pássaros nos seus ninhos esvoaçam de alegria  
 As asas [que estavam] fechadas abrem-se numa prece  
 Ao Aton, vivo seu criador.*

**O Grande Hino a Aton**<sup>77</sup>

Túmulo de Ai, parede ocidental, 13 colunas)

*Esplêndido te ergues no horizonte do céu  
Ó Aton vivo, criador da Vida;  
Quando surges no horizonte do oriente,  
Enches as terras com a tua beleza.  
Tu és belo, grande, radioso,  
E estás acima de todas as terras;  
Os teus raios envolvem os países  
Até ao limite da tua criação.  
Ré, dominas as suas fronteiras,  
Submete-los ao teu amado filho;  
Embora estejas longe, os teus raios tocam a terra,  
Ainda que te vejam, ocultos são os teus caminhos.*

*Quando desapareces no horizonte do ocidente,  
A terra mergulha em trevas  
Como na morte.  
Os homens dormem nos seus quartos,  
Com a cabeça tapada,  
Um olho não vê o outro.  
Fossem eles despojados dos bens,  
Que estão sob as suas cabeças,  
Ninguém se aperceberia.  
Os leões saem do covil,  
As serpentes mordem.  
A treva paira, a terra está silenciosa,  
Enquanto o Criador repousa na terra da luz.*

*Resplandece a terra quando despontas no horizonte  
Quando brilhas como Aton durante o dia  
Quando dissipas a escuridão  
Quando espalhas os teus raios.  
As Duas Terras estão em festa,  
Os homens acordam, estão de pé,  
Tu fizeste-os despertar.  
De corpos lavados, vestidos,  
Os seus braços fazem gestos de adoração quando tu apareces.*

---

<sup>77</sup>M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature, A Book of Readings*, vol. I, pp. 96-99.

*Toda a terra se põe a trabalhar,  
Os animais alimentam-se nos pastos,  
Árvores e ervas vicejam,  
As aves, voam para fora dos ninhos,  
As suas asas saudam o teu ka.  
Saltitam os rebanhos,  
Aqueles que voam para o alto  
E os que pousam [sobre a terra],  
Vivem quando nasces para eles.  
Os barcos fazem-se à vela, para o norte e para o sul  
Abrem-se as estradas quando nasces.  
No rio, os peixes saltam diante de ti  
Os teus raios penetram no coração do mar*

*Quem faz crescer a semente nas mulheres?  
Quem produz a vida a partir do sémen?  
Quem alimenta o filho no seio materno?  
Quem o acalma e detem as suas lágrimas?  
Tu és a [sua] ama no útero,  
[Tu és o] dador do sopro que vivifica as criaturas.  
Quando [o menino] deixa a matriz para respirar, no dia do nascimento  
Tu abres a sua boca completamente,  
E dás-lhe o que é necessário.  
Quando a avezinha dentro do ovo, pia dentro da casca,  
Tu dás-lhe o sopro que a sustenta  
Quando achas que está completamente formada,  
Pronta p'ra sair do ovo  
Ela deixa o ovo para anunciar que já está completa  
Deixa-o e anda sobre as patas.*

*Como são numerosas as tuas acções,  
Mesmo escondidas aos nossos olhos,  
Ó Deus único, fora do qual não há outro.  
Tu criaste a terra segundo os teus desejos  
Tu e mais ninguém.  
Homens, rebanhos, animais selvagens,  
Tudo o que na terra anda sobre pernas  
E se movimenta sobre pés,  
Tudo o que no alto voa sobre asas  
As terras de Khor e de Kuch<sup>78</sup>  
A terra do Egípto.  
Tu colocas cada homem na sua função,  
Tu dás-lhe segundo as suas necessidades*

<sup>78</sup> Khor e Kuch – A Síria e a Núbia.

*Todos têm de comer  
E o seu tempo de vida está contado.  
As línguas diferem no discurso  
Bem como os seus caracteres  
Distinta é a cor da pele,  
Tu diferenciaste os povos estrangeiros.*

*Tu criaste um Hapy na duat<sup>79</sup>,  
Que fazes brotar segundo a tua vontade  
Para alimentar os povos,  
Porque eles são obra tua  
Senhor de tudo, preocupas-te com eles  
Senhor de toda a terra, tu brilhas para eles  
Aton do dia, grande na glória!  
Fazes viver as terras longínquas,  
Criaste um Hapy no céu  
Que brota para eles,  
Faz ondas nas montanhas como o mar  
Para regar os seus campos e cidades.  
Como são excelentes os teus desígnios, ó Senhor de eternidade!  
Um Hapy no céu para os povos estrangeiros,  
Para todos os animais da terra que andam sobre patas;  
E para o Egípto um Hapy que vem da duat*

*Os teus raios alimentam os campos,  
Tu levantas-te,  
Eles, vivem, crescem para ti.  
Fizeste as estações para alimentar a tua obra  
O inverno para trazer a frescura,  
O calor faz que os homens te apreciem.  
Tu criaste o céu longínquo para brilhar sobre eles,  
Para observares a tua obra,  
Com um só olhar abraças toda a tua criação,  
Tu só, resplandecente  
Sob a forma do vivo Aton  
Erguido, radiante, distante [e] próximo  
Fizeste milhões de formas a partir de ti e só de ti  
Cidades, aldeias, campos e o curso do rio  
Pois tu és o Aton do dia nas alturas*

[...]

*Habitas no meu coração.  
Não existe outro que te conheça,  
A não ser teu filho Neferkheperuré Uaenré*

---

<sup>79</sup> *Duat* – O mundo inferior, o Hades (M. Lichtheim).

*A quem ensinaste o teu poder e os teus caminhos  
 [Os habitantes de] a terra vêm da tua mão  
 Tal como os fizeste.  
 Tu nasces,  
 Eles vivem.  
 Tu escondes-te,  
 Eles morrem.  
 Tu és a a duração da vida,  
 Vivemos por ti.  
 Os olhos contemplam a tua beleza,  
 Até ao ocaso;  
 Quando te pões a ocidente,  
 Todo o trabalho para.  
 Quando nasces  
 Fazes crescer [todas as coisas] para o Rei;  
 Todas as pernas se movem desde que fizeste a terra  
 Fizeste-as para o filho que saiu do teu corpo  
 O rei das Duas Terras que vive na Ma'at,  
 Neferkheperuré Uaenré,  
 O senhor das coroas, o filho de Ré, o que vive na Ma'at.  
 Akhenaton, grande na sua vida  
 [E] a Grande Esposa Real, a quem ele ama,  
 A Senhora das Duas Terras  
 Nefer- neferu-Aton Nefertiti,  
 Que vive para sempre*

### **Hino a Amon, na introdução ao decreto para Nesikhonsu<sup>80</sup>**

*(É) o deus majestoso, senhor de todos os deuses,  
 Amon-Ré, senhor do trono das Duas Terras, que preside em Karnak,  
 ba venerável que veio à existência no começo,  
 (deus) primordial que pôs no mundo os (deuses) primordiais.  
 Deus único que se fez em milhões (de formas)  
 e por quem todos os deuses vieram à existência,  
 que fez a luz' para ver aquilo que tinha criado.  
 Desde que existem os seus raios todos podem ver  
 Ele abriu as Duas Cavernas<sup>81</sup>,  
 ele despertou os dois bai divinos<sup>82</sup>  
 satisfeitos pela luz do seu disco.  
 Aqueles que estão estendidos<sup>83</sup> erguem-se para o ver;  
 os seus gritos de alegria circulam de boca em boca.  
 Como o Nilo, ele esforça-se por fazer viver aquilo que ele criou.*

<sup>80</sup> L. M. de ARAÚJO, *O Clero de Amon no Egipto Antigo*, Lisboa, Cosmos, 1999, p. 296.

<sup>81</sup> As nascentes do Nilo.

<sup>82</sup> Os de Ré e Osiris, cf. L. M. de ARAÚJO, *O Clero de Amon no Egipto Antigo*. p.297.

<sup>83</sup> Os defuntos, *Ibid.*, p. 297.

*Os olhares glorificam-se com a sua perfeição.  
Os alimentos são dados a todos os deuses pelo seu ka  
As oferendas são estipuladas para os seus bai.  
Ele vem com o vento, mas ninguém o vê.  
A noite está cheia da sua presença<sup>84</sup>.  
O que se encontra em cima e o que se encontra em baixo, foi feito por ele.  
Ele é aquele que se produz para além de si mesmo.  
O seu oráculo é firme, as suas ordens são sublimes,  
Os seus planos nunca falham.  
Ele é o rei do Alto e do Baixo Egipto, Amon-Ré, rei dos deuses,  
Senhor do céu, da terra, da água e da montanha.  
A terra começou quando ele veio à existência.  
Ele é venerável, ele é eminente,  
mais que todos os deuses dos tempos primordiais.*

---

## *Agradecimento*

---

Este texto foi apresentado como trabalho final da cadeira de História e Cultura do Egipto Faraónico, a qual integra o Mestrado em História e Cultura Pré-Clássica. Foi leccionada pelo Professor Doutor José Nunes Carreira, catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Não quer o autor deixar de exprimir um sincero agradecimento por todas as correções, conselhos e críticas que o ilustre Professor houve por bem fazer-lhe. Elas contribuíram para um substancial melhoramento deste trabalho.

---

<sup>84</sup>Contrariamente a Aton que está ausente no mesmo período.